



Arqueólogo Eduardo Bepalez mostra pedaço de cerâmica decorada que acaba de ser desenterrado na ilha do Japé, no rio Madeira, perto de Porto Velho; sítio da ilha tem terra preta

# Agricultura amazônica pode chegar a 8.000 anos

Data obtida em sítio de Rondônia é uma das mais antigas da América

**Indício vem da presença de terra preta, solo que surge em uso intenso da vegetação; obra de usina possibilita achado**

**REINALDO JOSÉ LOPES**  
 ENVIADO ESPECIAL A PORTO VELHO

O sítio arqueológico conhecido como Garbin não existe mais. Tragado pelas obras da Usina Hidrelétrica Santo Antônio (RO), em seu lugar ficará o vertedouro da barragem — uma espécie de válvula de escape da usina.

Antes que o sítio sumisse, porém, arqueólogos desenterraram ali sedimentos e artefatos que podem indicar que a agricultura na Amazônia foi "inventada" há uns 7.700 anos — uma das datas mais antigas do continente, e a mais velha do Brasil.

A pista de que a técnica foi dominada em época tão remota é indireta, mas forte. Trata-se da chamada terra preta (veja infográfico à direita), solo rico em matéria orgânica que, até onde se sabe, só surge com o acúmulo constante de detritos de origem animal e vegetal, característico do uso intensivo desses recursos.

"Se não era agricultura propriamente dita, eles, no mínimo, estavam fazendo um manejo intenso dos recursos vegetais", diz o arqueólogo Renato Kipnis, sócio da empresa Scientia Consultoria Científica e um dos coordenadores do trabalho.

**AO RESGATE**  
 Kipnis e seus colegas andam zanzando para cima e para baixo da BR-364, perto de Porto Velho, desde 2008.

Por lei, as compensações ligadas a uma usina do porte da de Santo Antônio, no rio Madeira, exigem o resgate de possíveis bens de interesse arqueológico que apareçam na construção. A empresa do arqueólogo venceu a licitação para fazer o serviço.

"Imagine só quando percebemos que os principais sítios estavam bem no canteiro da obra", brinca Ricardo Márcio Martins Alves, gerente de sustentabilidade da Santo Antônio Energia. "Mas logo conseguimos nos organizar para que o trabalho dos arqueólogos fosse feito."

A equipe da Scientia descobriu que, em paralelo com a rodovia moderna, corria uma hidrovía pré-histórica. A calha do Madeira na região está coalhada de sítios, que abrangem ambas as margens do rio e também as ilhas e pedras (rochas de corredoiras) no meio do leito. Há gravuras rupestres, cerâmica decorada, artefatos de pedra e terra preta para dar e vender.

"O incomum é que no sítio Garbin havia terra preta associada a artefatos de pedra, e não a cerâmica", diz a arqueóloga gaúcha Silvana Zuse, que integra a equipe.

Vasculhar esses instrumentos em busca de restos vegetais microscópicos pode indicar o que, afinal, os moradores do Garbin cultivavam. A aposta mais óbvia: mandioca, a lavoura amazônica por excelência.

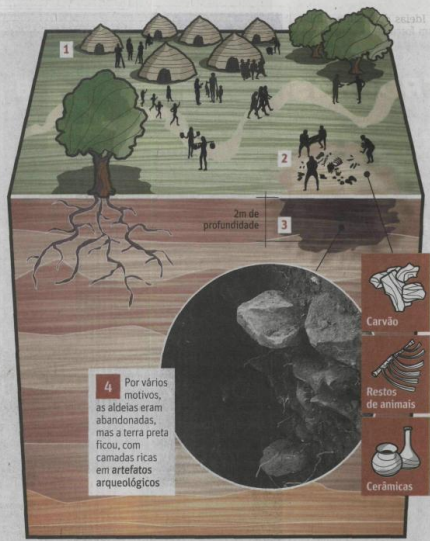
"É chato saber que vários sítios vão sumir. Mas, se não fosse pela obra, dificilmente teríamos tanta verba para trabalhar aqui", diz a geóloga Michelle Mayumi Tizuka.

O jornalista REINALDO JOSÉ LOPES viajou a convite da Santo Antônio Energia

## TERRA PRETA

Como surgiu solo típico de sítios arqueológicos na Amazônia

- 1 A terra preta provavelmente começava a ser formada numa fase de ocupação relativamente densa, numa aldeia populosa de agricultores indígenas
- 2 Em certas áreas da povoação, os moradores descartavam carvão, restos de colheita, carcaças de animais, cacos de cerâmica
- 3 Com o tempo, esse acúmulo de detritos foi formando uma camada escura de solo, rica em matéria orgânica e fértil



## Ideia de 'mata virgem' passa por uma revisão

DO ENVIADO A PORTO VELHO

Se novos dados confirmarem a antiguidade da agricultura nativa na calha do Madeira, deve ganhar ainda mais força uma hipótese defendida por arqueólogos que trabalham na Amazônia.

Trata-se da ideia de que o termo "floresta virgem" pode ser profundamente enganoso. A mata seria, na verdade, uma "floresta cultural", manejada pelos indígenas ao longo de milhares de anos para que as espécies de seu interesse prosperassem.

Quem se embrenha na mata da ilha Dionísio, um dos locais estudados pela equipe da Scientia, não precisa de muito para crer na ideia.

Após caminhar por alguns minutos por uma floresta estonteantemente diversa, onde nenhuma árvore é igual à vizinha, você parece cruzar os limites de um círculo invisível dentro do qual, de repente, uma única espécie reina. É um urucuzal — como o nome diz, uma concentração da palmeira conhecida como urucuri. O fruto é comestível.

"Uns gostam, outros nem tanto. O pessoal come quando cai da árvore", conta Vanderlei Alves Santos, assistente de campo das escavações que, empolgado com o trabalho, enfrenta o vestibular para o curso de arqueologia da Universidade Federal de Rondônia no mês que vem.

"Há um debate grande se coisas como o urucuzal são naturais ou surgiram pelo manejo da floresta", diz Kipnis. "O risco é você criar uma espécie de viés de confirmação. Se procurar sinais de uma floresta antrópica (ou seja, gerada pelo homem) em locais onde sabidamente houve ocupação no passado, vai acabar achando, claro."

Uma ideia para contornar isso seria calcular a "assinatura" visual de certos tipos de árvore — as "culturais" e as de uma mata mais virgem, por exemplo — quando visto do espaço, via satélite. "Aí você poderia detectar as áreas e ir lá escavar para ver se há sítios mesmo", explica.

Em outra ilha, enquanto escava, o arqueólogo Eduardo Bepalez aponta uma enorme sumatrina, espécie de mata intacta. "Essa aí viu o pessoal dançando no terreiro", brinca. (RJ)